

SIMULACRO E HISTORICIDADE

Luiz Roncari. *O cão do sertão: literatura e engajamento. Ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Unesp, 2007.

Para quem acompanha a trajetória crítica de Luiz Roncari, o aparecimento de *O cão do sertão* é um fato a se comemorar. Mas o leitor pode ser movido pela ideia de que neste novo livro de ensaios o crítico irá apresentar não mais que uma espécie de resumo do seu grande trabalho feito anteriormente, *O Brasil de Rosa: o amor e o poder* – o mais inovador estudo sobre a obra de Guimarães Rosa surgido nos últimos anos. Há algo disso espalhado entre os 11 ensaios do livro, sobretudo os da primeira parte. Mas isso na verdade é muito menos do que esta obra pode oferecer.

Os ensaios foram escritos ao longo de 15 anos e de fato antecedem e testam hipóteses que seriam desenvolvidas no livro dedicado a Guimarães Rosa. Principalmente uma, de ordem teórico-metodológica: estudar formas e efeitos produzidos pela “tradição patriarcal” e suas crises (bem como *através* desta tradição e destas crises), historicamente definidas (como se pode ver, por exemplo, no ensaio “A tríade do amor perfeito no *Grande sertão*”). Mas a partir deste princípio, apenas enganadoramente simples, Roncari vai descobrindo camadas de sentido inusitadas desde Guimarães Rosa e Machado de Assis até a literatura contemporânea, passando também pelo modernismo de Oswald de Andrade e da obra vasta e pouco discutida de Marques Rebelo. Assim, este novo livro vale muito a pena de ser lido por todos aqueles que circulam entre a história, a política e a literatura para tentar compreender algo do Brasil.

Compreender o Brasil a partir da literatura e a literatura a partir do Brasil (ou melhor: de sua experiência histórica). Raramente esse princípio, tão fácil de enunciar e tão difícil de cumprir, foi realizado tão radicalmente como nestes ensaios de Roncari. Criação poética

e experiência histórica não apenas se iluminam mutuamente, mas se revelam em toda a sua tensão. Há aqui ainda outra novidade crítica: o método desenvolve um *modus operandi* tomado de empréstimo também aos grandes historiadores da arte (como Panofsky e Argan). Desse modo, a abordagem de Roncari é um feliz e difícil acerto com a dialética histórica apanhada em sua dimensão imagética e plástica. Disso é exemplar o momento em que, tratando de *Dom Casmurro*, o crítico descreve e analisa a presença dos retratos dos pais que decoram a sala de Bentinho e que revelam os segredos de sua educação familiar, coisa importante para se desvendar sua relação com Capitu.

O livro não é exatamente uma defesa da mimese ou do realismo literário. Isto porque muito da análise que leva em conta o princípio da compreensão do jogo do texto, da leitura atenta rente à frase, da análise “estética” (como alguns preferem dizer), está sempre presente. O autor até exagera nas desculpas que pede por correr o risco de parecer “reducionista”, “historicista” etc. Seu objetivo pode ser resumido pela maneira como define a aproximação que encontrou entre Machado, Oswald, Guimarães Rosa e Marques Rebelo: “suas obras são mais realistas do que se tem suposto”.

E é justamente o exercício sério e sistemático de desmistificar suposições o que esses ensaios elaboram. Na verdade, todo o livro vai contra certo “pressuposto” de que a análise histórica tem pouco a dizer à análise literária, sobretudo, por exemplo, em terrenos pouco óbvios, como a vida amorosa de sujeitos formados em “uma sociedade de extração escravista”. Em Roncari, a “extração escravista” é extraída ela mesma da *forma* literária para dar sentido profundo a ela – extração sem a qual forma e vida amorosa se tornam obscuras, incompreensíveis e passíveis de serem enquadradas em esquemas idealistas, abstratos e generalizantes.

O grande exemplo, incrivelmente claro e didático, do método, das fontes críticas e hipóteses de trabalho que movem o pensamento de Luiz Roncari e

estruturam sua leitura crítico-materialista do *Grande sertão* está em “O lugar da história na obra de Guimarães Rosa”. Esse ensaio parte de outro, um belo texto de juventude de Roberto Schwarz em que ele compara o livro de Rosa com a obra de Thomas Mann. Seu método crítico e suas incríveis intuições são longamente explicados por Roncari, que no final mostra exatamente a sua hipótese sobre a presença estruturante, em forma e conteúdo, do movimento da sociedade brasileira em Guimarães Rosa. Vale a pena citar um trecho que serve de resumo da novidade que Roncari nos apresenta: “é justamente isso que Guimarães Rosa parece ter querido representar no *Grande sertão*...: o drama do Brasil, na vida pública e privada, captado num momento de grandes indefinições, quando ainda os dois ventos contrários, o da tradição dos costumes e o da civilização das instituições importadas, trombavam com a mesma força, criando a imagem do redemoinho e do diabo no meio, que podia tudo pôr a perder” (p. 149). Um dos exemplos deste procedimento é a antológica identificação que Roncari faz da presença e da caracterização de Antonio Conselheiro e de Getúlio Vargas no *Grande sertão*, tema de ensaio cujo subtítulo, bem schwarziano, é: “As formas do autor e os caprichos da representação”.

Seguindo essa trilha, o crítico configura hipóteses que são verdadeiros projetos de pesquisa. Por exemplo, a identificação das consequências da neurose tensa do amor patriarcal brasileiro, que constitui o equilíbrio de um arranjo “tripartido”: a mulher-esposa, a(s) amante(s) e o amigo íntimo. Essa figuração, de fundo histórico e antropológico, que Roncari caça em Gilberto Freyre e em Roger Bastide, é elaborada em termos literários e se move por um esquema que aparece e reaparece em diferentes autores e épocas: a vida marital sem afeto, o amor e o sexo sem compromisso moral ou visibilidade pública (o destino da amante), a atenção afetiva e o derramamento de intimidades de um Eu atormentado pela “mulheres” que não se completam, relatados a um amigo íntimo, confessor de todos os

dias, foco de um amor misógino e sublimadamente homossexual. Roncari nos mostra o funcionamento dessa tipologia sociológico-afetiva presente no esquema de Machado de Assis (em seu conto “Singular ocorrência”), no *Grande sertão* (a relação de Riobaldo com Nhorinhá, Otacília e com o homem-mulher-amigo-íntimo Diadorim), nos mil casos de Oswald de Andrade e na trajetória da vida moderna e urbana carioca das aventuras e tédios dos personagens de “O espelho partido”, de Marques Rebelo.

Como já se viu, há um diálogo crítico muito elevado com a obra de Roberto Schwarz, especialmente na parte do livro que trata de Machado de Assis. No ensaio “Ficção e história: o espelho transparente de Machado de Assis” Roncari sintetiza uma aguda crítica aos críticos atuais que querem tirar o contexto e o diálogo com a história das análises literárias. No caso, a crítica é dirigida aos arroubos “universalistas” do português Abel Barros Baptista, que, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, definiu a orientação teórica perseguida por nosso crítico como “o paradigma do pé atrás” Roncari responde, não sem ironia: “mas, pensei comigo, com quantos pés atrás e desconfiança não deve o crítico apreciar a literatura para não se deixar enganar pelos cantos da sereia? Entretanto, no que foi exposto na entrevista, não se observa um passo à frente no estudo da difícil relação da obra de Machado com o universo literário e cultural de que faz parte, e que vale a pena investigar” (n.1, p. 226).

Não se trata apenas de mera polêmica sobre pontos de vista distintos (muitos deles retomados e analisados ao longo dos ensaios). Roncari nos mostra em seu estudo como justamente a ideia de desconfiança e de “suspeita” é decisiva em Machado e o quanto isso tem a ver com o chão histórico no qual ele andava – desconfiadamente. Em síntese, nesse ensaio, o autor parte de uma análise do famoso conto de Edgar A. Poe (escritor que era do interesse de Machado) “A carta roubada” para desvendar o “método” de nosso escritor: como o

detetive Dupin, ele se esmera no exercício da “desconfiança” e da “inversão”. Exatamente como o crítico, aliás.

Mas isso tudo pode ser visto como uma preparação. Depois de tratar do jogo entre o visível e o invisível no esquema de Machado lido à luz da “carta roubada”, Roncari está pronto para dar a sua leitura de *Dom Casmurro* pautada em um peculiar uso do conceito de simulacro. O que ele retira do conceito (usado em sentido completamente distinto ao estabelecido pelo vocabulário pós-moderno) é, novamente, a elaboração literária de uma mudança histórica em processo: o “momento de transição da família patriarcal para a família burguesa no Brasil” (p. 248). São as circunstâncias dessa “transição” que tensionam certa visão de mundo (a patriarcal), mas elas não são fortes o suficiente para transformá-la por inteiro. Daí o jogo de instabilidade, dúvida e indecisão de Bentinho até a realização final que acerta de novo o passo daquilo que fora ligeiramente abalado, colocando a ordem tradicional no mesmo lugar em que estava, apesar do abalo “modernizante”. A partir dessa constatação Roncari pode dizer, sem medo de errar, que o Brasil “se moderniza constantemente para ficar cada vez mais parecido consigo mesmo” – portanto, um simulacro de transformação.

Na parte final, chamada de “Literatura e Capitalismo”, os dois ensaios que encerram o livro trazem a questão do contemporâneo para dentro do método crítico já elaborado. O último ensaio, “Esboço para o estudo do ponto de vista da mercadoria na literatura brasileira”, traz indícios importantíssimos para se pensar aspectos decisivos da cultura contemporânea através dos novos tipos de relação mercantilizada estabelecida no sistema autor-obra-crítica e propaganda. Em “O terror na poesia de Drummond”, Roncari parte de um duplo jogo de temporalidades e espacialidades. À luz dos acontecimentos ligados ao 11 de setembro norte-americano, ele propõe reler o poema de Drummond “Elegia 1938”, publicado no livro *Sentimento do mundo* (1940), escrito no contexto catastrófico do Estado Novo

e da Segunda Guerra Mundial. A partir daí, uma leitura atenta do poema, dos debates de seus principais comentadores e da situação política mundial se une à análise de representações passadas e presentes do Brasil e da modernidade norte-americana (acho especialmente interessante a maneira com que o crítico retoma “O Guesa”, de Sousândrade, e sua peculiar ambientação novaiorquina), utilizando-se de Hegel e Maquiavel, de Mário de Andrade e das análises de Iumna M. Simon, para chegar a esboçar o que pode ser visto como a aporia da cultura contemporânea: “se temos alguma coisa a aprender com Drummond, com o espanto da sua consciência, é que ilhas, condomínios fechados, bombas e a força militar não bastam para conter a melancolia e a ação desesperada, nem estas definem os limites da ação poética” (p. 284).

Francisco Alambert, professor de História Social de Arte e de História Contemporânea no Departamento de História da USP.